

# Congresso quer negociar com o governo

As principais lideranças do PSDB, PDT e PMDB já iniciaram discussão para viabilizar a conversa com o governo em torno de uma proposta de entendimento nacional. "Se o presidente da República quiser mudar os rumos de seu governo, o PDT está interessado em discutir", afirma o líder do partido na Câmara, Vivaldo Barbosa. "Em primeiro lugar nós precisamos afinar nossa viola aqui, no Congresso, e depois conversar com o governo", faz coro o senador José Richa (PSDB-PR), uma das estrelas dos tucanos no Parlamento.

Um diagnóstico básico leva a oposição a aceitar a discussão sobre o entendimento, segundo o senador Richa, que cita os seguintes pontos: a) o país e as oposições necessariamente conviverão com o atual governo por mais quatro anos; b) a base de sustentação política do governo no Congresso é numericamente inferior à oposição e "politicamente inexpressiva"; c) sozinho, o governo ficará entregue a "insuportáveis" pressões fisiológicas e corporativas, podendo cair nos braços da direita; d) o atual plano econômico acaba em 90 dias (esse é o prazo dado pelo Congresso para que se-

ja apresentada uma política salarial permanente).

O senador Fernando Henrique Cardoso já iniciou contatos preliminares com outros líderes partidários, inclusive com Brizola e Ulysses Guimarães. Richa e Vivaldo Barbosa, por outro lado, alinhavaram o que consideram "os pontos mínimos" em torno dos quais a discussão deve começar. Na opinião de Richa, é fundamental a decisão sobre a implantação do parlamentarismo, a partir de 1993 (com o presidente, "pois ninguém quer destituí-lo"), já que "este é o único sistema de governo capaz de provocar o entendimento político". O entendimento passaria também por um plano de estabilização econômica imediata "e outros de médio e longo prazos".

Os líderes acham que "há clima" para a discussão, mas identificam dois obstáculos. O primeiro é o confronto em torno da votação do projeto que regulamenta a edição das MPs. Segundo, as discussões têm de amadurecer rapidamente, antes que o Plano Collor II fracasse e o quadro político fique muito instável.

**Franklin Martins e  
Raymundo Costa/AE**